

A EDUCAÇÃO NO MOVIMENTO SEM TERRA: PERCEPÇÕES A PARTIR DE UMA CONVIVÊNCIA

Coordenador: SINARA SANTOS ROBIN

Autor: CAMILA FARIAS DA SILVA

A luta promovida pelo Movimento Sem Terra não se constitui apenas pela conquista da terra, mas também pela transformação do modelo educacional e social. A educação enquanto momento de formação de sujeitos tem importância fundamental para a continuidade do projeto de sociedade defendido pelo MST. Por meio da convivência que tivemos durante 06 dias com as famílias assentadas pudemos perceber algumas questões pertinentes à educação que mobilizam esforços e apontam demandas na luta contra o modelo de educação capitalista. A questão educacional em relação ao Movimento Sem Terra desenvolve-se em alguns eixos principais, quais sejam, as Escolas Itinerantes, localizadas nos acampamentos, as Escolas de Ensino Básico Municipais e Estaduais em alguns assentamentos e as parcerias com universidades. As Escolas Itinerantes, surgidas no Rio Grande do Sul, constituem-se em espaços escolares dentro dos acampamentos que funcionam como escolas regulares normais e foram legalizadas em dezembro do ano de 1996. O corpo docente é formado por educadores do próprio Movimento e por educadores externos, apoiadores do MST. As Escolas Itinerantes acompanham os deslocamentos dos acampamentos, conforme a organização e a necessidade de novas ocupações. O princípio fundamental dessas escolas caracteriza-se na formação de sujeitos críticos, questionadores do modelo social vigente, fundamentado na pedagogia de Paulo Freire. Com relação às escolas situadas nos assentamentos, conquistadas após anos de luta junto ao Estado, essas recebem estudantes do próprio assentamento em que se localizam, de outros que ainda as reivindicam, assim como das localidades próximas ao assentamento. Conhecemos, durante a realização do Programa Convivências, a Escola Nova Sociedade, escola base das Escolas Itinerantes gaúchas, localizada no assentamento Itapuí. O ensino nessa escola também é voltado para uma educação crítica, diferenciada de outros modelos educacionais. No que concerne às parcerias com universidades, conhecemos alguns projetos desenvolvidos pelo Movimento, como o ITERRA (Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária), tendo como uma das parceiras a UERGS (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul), que contribui com os docentes e os certificados. Este se caracteriza como um instituto baseado na Pedagogia da Terra, voltada para a formação de profissionais e

educadores comprometidos com a comunidade de origem a qual os indicou. Objetivamos com esse projeto conhecer de forma mais aprofundada a realidade educacional dentro do Movimento Sem Terra, discutir o recente fechamento das escolas itinerantes, em fevereiro de 2009 e, a partir disso, problematizar o modelo tradicional de educação vigente. Para a construção desse projeto convivemos durante 06 dias com os assentados de Santa Rita de Cássia, em Nova Santa Rita, no período de 25 a 30 de julho de 2009, coletando informações e organizando impressões. Durante esse tempo de convivência participamos de debates, ouvimos depoimentos e visitamos espaços escolares, construindo um diário de campo. A partir desses apontamentos podemos lançar conclusões prévias a respeito da pedagogia do MST e da legitimidade das escolas itinerantes. Essa pedagogia é baseada em princípios de formação crítica dos sujeitos, alternativamente à educação capitalista que forma mão-de-obra para o mercado de trabalho. A ilegalidade das Escolas Itinerantes feita pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul está diretamente ligada à criminalização dos movimentos sociais e pode ser entendida como uma estratégia política de desarticulação do MST. Dessa forma, entendemos que a universidade, enquanto formadora de educadores e profissionais, tem um papel a cumprir junto aos movimentos sociais, comprometendo-se com essas experiências alternativas educacionais, como a Escola Itinerante.